

# A RUA MÁGICA

(Crônica)

Rodrigo Alencar

São tantos os caminhos por onde andei nesta vida! São ruas, congestionadas, pontilhões, avenidas, passarelas, viadutos, umas vias calçadas, outras sem pavimento. Como eu andei nesta vida! Andei muito por aí, é verdade, mas não recordo a maioria desses caminhos. Se me esforço para resgatá-los, para trazê-los à memória, não lembro senão de ruas desbotadas, de ladeiras vagas e indefinidas.

Pouco a pouco, a nitidez e o vigor daquelas imagens arrefeceram dentro de mim, soterrados pelo fluxo de novas formas, de novos contornos e impressões vindos do exterior. Mas há uma rua, ou melhor, uma ruela, da qual eu nunca me esqueço, porque tem um significado mágico para mim. Não cito o nome dela nem aponto sua localização porque, se o fizesse, ela deixaria de ser uma rua mágica e se tornaria comum, ordinária, como a maioria das ruas que existem neste mundo.

Já vi muitas fotos de ruas, como as que figuram nos cartões postais. São paisagens famosas para onde afluem as multidões. Uma são estreitas e charmosas; outras, largas e opulentas; outras são calmas, tranquilas; também há aquelas ruidosas e fervilhantes. Mas nenhuma delas é como a minha ruazinha.

Ela não era asfaltada, mas transbordava de vida. Após uma longa chuva, seu leito encharcado atraía sapos e rãs que saltitavam nas poças d'água, alegremente. Mas no dia seguinte, sob os raios do sol, o leito seco acolhia de novo a molecada travessa, as bicicletas pobres, os passos lentos e compassados da tia Nena, uma senhorinha quase gagá. E da copa das árvores, que se esgueiravam acima do casario, vinha o canto ameno dos passarinhos, como uma sinfonia que saúda as manhãs, as manhãs do passado e as do presente.

Nela quase não passavam automóveis. Os poucos que se atreviam a isso eram o caminhão do lixo, a *kombi* velha do João e dois ou três carros desconhecidos, que, aparecendo de vez em quando, logo tornavam a sumir no final da rua, como sombras que imergem no esquecimento.

Sem dúvida, era uma rua anônima, afastada do centro. Nos mapas, não havia lugar para ela. Suas cartas, vindas de longe, tardavam a chegar – em geral, três ou quatro semanas após a remessa. Dela quase não se falava. Era como se não existisse. E, de fato, ela não existia para o mundo. Uma ruela estreita, barrenta, esquecida nos confins da periferia, longe de tudo o que é belo e aprazível, de tudo o que é moderno. Enfim, um ponto ínfimo, remoto, quase uma nódoa, margeando a civilização.

Mas o que é o belo? O belo reside na Avenida Paulista, em São Paulo; na Times Square, em Nova Iorque; ou na Champs-Élysées, em Paris? O belo está na largueza das avenidas ou na pompa dos arranha-céus? No bulício do tráfego ou na pressa das multidões ansiosas?

E a civilização, onde posso encontrá-la? Em qual cidade, em qual rua, em qual viaduto, praça, ladeira, quarteirão deste mundo? Onde? Em toda parte, aqui ou do outro lado do Atlântico, recrudescem a dor e o sofrimento. Não faltam notícias de fome, desnutrição, epidemias, homicídios, desmatamento, gases poluentes soltos no ar, desastres naturais, guerras. Se isso é a civilização, a minha rua estava livre dela. Não a perturbavam os males do mundo civilizado.

Era uma rua singela, com as casinhas sem reboco expondo sua alvenaria. À sombra de um limoeiro, havia uma casa antiga, feita de taipa e argila socada. Dizia-se que ela era do tempo da realeza, quando ainda existiam mucamas, viscondes, barões do café e escravas que vendiam quitutes nas ruas. Antiga também era uma de suas árvores, a mais bela de todas. Um jacarandá que se erguia, soberbamente, para além dos telhados, como se almejasse afagar o céu. Sobressaindo na rua, ele acolhia, em sua ramagem, pássaros vindos de toda parte – eram sabiás, viuvinhas, joões-de-barro, bentevis-de-coroa, pintassilgos, canários-da-terra-verdadeiros, arapongas.

Pipas adejavam no céu, sem perigo. Não havia qualquer perigo. À festa do amanhecer seguia-se a modorra da tarde, com o leito da rua encharcado de sol. Depois, a noite era anunciada pelas estrelas, que brilhavam como tochas eternas, inextinguíveis na amplidão. E a música das cigarras, estridente, enchia de paz e sossego os corações. Não havia medo. Nem ansiedade. O que havia e preenchia o lugar era a quietude, um silêncio acompanhado de risos e vozes infantis que se alternavam lá fora. E o som, quase inaudível, de passos frouxos, amortecidos pelo barro. E o canto das cigarras, o farfalhar da ramagem acariciada pelo vento...

Eu abria a janela, saía lá fora, andava alguns passos. Sentia-me leve e sereno. Via os meninos brincando e sabia que, na manhã seguinte, a dona Cacá viria até minha porta, trazendo nas mãos um pedaço de bolo de fubá. Então, a mamãe sorriria, agradecida, perguntando-lhe se queria tomar café.

Minha rua ainda existe. Existe e conserva sua essência, felizmente. Mas não a vejo desde o último Natal, há mais de um ano. Nem em fotos nem pela televisão nem pela *internet*. Às vezes, sinto sua falta.

Todavia, eu a conservo dentro de mim, como uma rua alegre e imorredoura. Seus pássaros todos, suas crianças, a música, o sopro do vento, o jacarandá, as casinhas, o sol, a noite estrelada, a dona Nena e a dona Cacá com sua fatia de bolo nas mãos alvas, muito limpas. Tudo isso eu guardo comigo, para sempre. Faço-o com zelo e carinho, como quem guarda, a sete chaves, um pequeno baú de jóias.

Não faz muito tempo que comprei um guia da minha cidade natal. Nas páginas, uma profusão de ruas e avenidas que se emaranham, formando teias, labirintos sem fim. Quanta viela, quanta rua, viaduto, praça, largo, cruzamento! Meu Deus! Fico contente por minha rua não estar nesse guia turístico. Não apenas nele, mas em nenhum outro guia. Em nenhum mapa daquele estado, quer tenha uma escala menor, quer uma escala maior. É bom que seja assim. Isso preserva o seu caráter, a essência de um caminho que não contraiu os vícios da modernidade, mas se manteve pacato e simples, como convém a uma rua mágica.